



O HOSPITAL REAL
DE TODOS-OS-SANTOS:
LISBOA E A SAÚDE

 LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

omnium
sanctorum

ficha técnica

omnium sanctorum

**Projeto Hospital Real de Todos-os-Santos:
Lisboa e a saúde**

Câmara Municipal de Lisboa

Pelouro da Cultura

João Diogo Santos Moura

Direção Municipal de Cultura

Manuel Veiga

Departamento de Património Cultural

Jorge Ramos de Carvalho

Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Francisco Caramelo

CHAM – Centro de Humanidades

João Paulo Oliveira e Costa | Cristina Brito

Coordenação geral

Jorge Ramos de Carvalho

Gestão do Projeto

Ana Isabel Ribeiro

Edite Martins Alberto

Rodrigo Banha da Silva

Coordenação científica

André Teixeira

Edite Martins Alberto

Rodrigo Banha da Silva

Parceiros

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Assembleia da República

Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central

Metropolitano de Lisboa

Museu da Farmácia

Museu da Saúde

Museu de Marinha

Museu Nacional de História Natural e da Ciência

Patriarcado de Lisboa

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Agradecimentos

Adelaide Brochado, CML/DMC/DPC/AML

André Bargão, bolseiro Projeto HRTS

Camila Amaral, bolseira Projeto HRTS

Filipa Pimenta, CML/DMC/DPC/CAL

Lina Maria M. Oliveira, bolseira Projeto Hospitalis

Maria Teresa Avelino Pires, NOVA FCSH/CHAM

Moisés Campos, CML/DMC/DPC/CAL

Rita Mégre, CML/DMC/DPC

Rui Henriques, bolseiro Projeto HRTS

Sandra Cunha Pires, CML/DMC/DPC/AML

Sara Ferreira, bolseira Projeto HRTS

Arquivo Municipal de Lisboa

Centro de Arqueologia de Lisboa

Museu de Lisboa - EGEAC E.E.M.

Projeto “HOSPITALIS - Arquitetura hospitalar em Portugal nos alvares da Modernidade: identificação, caracterização e contextualização” (PTDC/ART-HIS/30808/2017)

VICARTE- NOVA FCT

Livro

Título

O Hospital Real de Todos-os-Santos: Lisboa e a saúde

Câmara Municipal de Lisboa

Pelouro da Cultura
Direção Municipal de Cultura
Departamento de Património Cultural

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Direção de Cultura
Arquivo Histórico

Coordenação institucional

Jorge Ramos de Carvalho

Coordenação científica

Edite Martins Alberto
Rodrigo Banha da Silva
André Teixeira

Coordenação editorial

Edite Martins Alberto

Apoio editorial

Ana Isabel Ribeiro

Autores

Adélia Caldas
Adelino Cardoso
Alexandre Pais
Ana Cristina Leite
Ana Maria Costa
Ana Patrícia Alho
André Bargão
André Teixeira
António Costa Canas
António Pacheco
Bruno Barreiros
Carla Alferes Pinto
Carlos Boavida
Cristina Moisés
David Felismino
Edite Martins Alberto
Fátima Palmeiro
Filipe Santos Oliveira
Florabela Veiga Frade
Francisca Alves Cardoso
Francisco d'Orey Manoel
Helder Carita
Helena Rebelo-de-Andrade
Helena Taborda
Hélia Silva
Inês Coutinho
Inês Oliveira
Inês Ornellas e Castro
Isabel dos Guimarães Sá
Isabel Monteiro
Joana Balsa de Pinho
João de Figueirôa-Rêgo
Joaquim Barradas
Jorge Fonseca
José Subtil
Júlio Martín Fonseca

Laurinda Abreu
Lina Maria M. Oliveira
Luís Costa e Sousa
Luís Lisboa Santos
Luís Ribeiro Gonçalves
Luíz Damas Mora
Lurdes Esteves
Maria Antónia Lopes
Maria da Conceição Freitas
Maria João Ferreira
Maria João Pereira Coutinho
Maria Marta Lobo de Araújo
Maria Teresa Avelino Pires
Mário Farelo
Milene Alves
Mónica Duarte Almeida
Nelson Moreira Antão
Nuno Falcão
Paula Basso
Paula Serafim
Paulo Catarino Lopes
Paulo Pereira
Rita Luís Sampaio da Nóvoa
Rita Mégre
Rodrigo Banha da Silva
Rute Ramos
Sara da Cruz Ferreira
Sílvia Casimiro
Silvina Pereira
Tiago Borges Lourenço
Vitor Serrão

Design gráfico

Formiga Luminosa, Construtora de imagem

Créditos fotográficos e digitalização

José Vicente, CML/DMC/DPC
e Arquivo Municipal de Lisboa
Biblioteca da Ajuda
Biblioteca Nacional de Portugal
British Library
Câmara Municipal de Lisboa - Lisboa Interativa
Direção de Infraestruturas, Gabinete de Estudos
Arqueológicos da Engenharia Militar
Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas
- Arquivo Nacional Torre do Tombo
Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca de Arte
Leiden University Libraries
Museu Condes de Castro Guimarães
Museu de Lisboa
Museu Nacional do Azulejo
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Impressão e acabamento

Rainho & Neves; Lda.

Tiragem 1000 exemplares

ISBN 978-972-8543-57-0

Depósito legal 488809/21

Lisboa, 2020

© Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos.

Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Os textos e imagens desta publicação não podem ser reproduzidos por qualquer processo digital, mecânico ou fotográfico, sem o prévio conhecimento e autorização da Câmara Municipal de Lisboa e dos respetivos autores.

Índice

APRESENTAÇÃO

- 15 **Câmara Municipal de Lisboa** | Vereador da Cultura João Diogo Santos Moura
- 17 **Santa Casa da Misericórdia de Lisboa** | Provedor Edmundo Martinho
- 19 **NOVA FCSH** | Diretor Francisco Caramelo

INTRODUÇÃO

- 23 | André Teixeira / Edite Martins Alberto / Rodrigo Banha da Silva

UMA ARQUEOLOGIA DO LUGAR

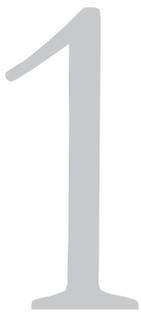
- 39 **O lugar antes da ocupação humana**
| Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas
- 45 **De “casal” na transição do II-I milénio a.C. a arrabalde muçulmano da cidade de Lisboa**
| Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 55 **As *hortas* do Convento de São Domingos**
| Rodrigo Banha da Silva / Filipe Santos Oliveira
- 61 **A Lisboa Manuelina**
| Helder Carita

O MAIOR EDIFÍCIO DE LISBOA MODERNA

- 73 **A arquitetura do edifício: antecedentes, comparações e paralelos**
| Paulo Pereira
- 123 **A representação iconográfica do Hospital Real**
| Ana Cristina Leite
- 143 **Fernão Gomes e o projeto para a pintura do tecto da nave da igreja do Hospital Real**
| Vítor Serrão
- 151 **Dos incêndios de 1601 e 1750: descrição, danos, salvados, meios e intervenientes, medidas complementares**
| Mónica Duarte de Almeida
- 161 **O abastecimento de água ao Hospital Real e saneamento na cidade de Lisboa**
| Ana Patrícia Alho
- 167 **O Terramoto de 1755 e as intervenções de recuperação**
| Adélia Caldas
- 173 **Do Rossio para o Colégio de Santo Antão-o-Novo**
| Maria João Pereira Coutinho
- 181 **Os *berdeiros* do Hospital Real: espaços da história da saúde em Lisboa após 1775**
| Carlos Boavida / Fátima Palmeiro / Luiz Damas Mora

DE HOSPITAL A PRAÇA PÚBLICA

- 187 **As duas últimas décadas do Hospital no Rossio (1750-1775). Acomodar, proteger e assistir os enfermos das injúrias do tempo**
| David Felismino / Inês Oliveira / Helena Rebelo-de-Andrade
- 199 **A génese de um novo espaço urbano: a Praça da Figueira**
| Hélia Silva / Tiago Borges Lourenço
- 209 **O Metropolitano de Lisboa e a redescoberta do Hospital Real**
| Helena Taborda



REFORMA E REORGANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA

- 221 Antecedentes e componentes da reforma da assistência em Portugal nos alvares da modernidade**
| Joana Balsa de Pinho
- 239 Portugal e a Europa: as dimensões da reforma da assistência (séculos XIV-XVI)**
| Joana Balsa de Pinho
- 255 Pobreza e a assistência em Portugal na Época Moderna**
| Maria Antónia Lopes
- 261 A rede assistencial em Lisboa antes do Hospital Real de Todos-os-Santos**
| Mário Farelo
- 281 Um novo modelo de organização hospitalar na modernidade de Quinhentos**
| José Subtil
- 291 Hospitais centrais quinhentista em Portugal**
| Lina Maria M. Oliveira
- 295 O Hospital Real e a Misericórdia de Lisboa no tempo do governo de Sebastião José de Carvalho e Melo**
| Laurinda Abreu

DA COROA À ADMINISTRAÇÃO DA MISERICÓRDIA

- 305 A Ordem de São João Evangelista (Lóios) no Hospital**
| Nuno Falcão
- 311 Da gestão dos religiosos de São João Evangelista à administração da Misericórdia**
| Maria Marta Lobo de Araújo
- 317 As *gentes* e o quotidiano num período de mudança: a administração da Misericórdia**
| Rute Ramos
- 325 *Entre quatro paredes e não só*: as outras instituições no espaço do Hospital**
| Rute Ramos
- 333 Ordens religiosas na assistência hospitalar (Arrábidos, Obregões e Camilos)**
| Rita Mégre / Tiago Borges Lourenço

PATRIMÓNIO E RECURSOS

- 343 A política económica do Hospital: receitas e despesas**
| Rute Ramos
- 351 Prédios foreiros ao Hospital Real**
| Carlos Boavida
- 357 O teatro e o financiamento do Hospital Real**
| Silvina Pereira / Júlio Martín Fonseca

TRATAR A ALMA E O CORPO

- 367 O Hospital Real na medicina dos séculos XVI a XVIII**
| Adelino Cardoso
- 377 O estatuto do doente no Hospital Real e o Regimento de 1504**
| Luís Lisboa Santos / José Subtil
- 385 Placas de identificação dos leitos nas enfermarias**
| Alexandre Pais / Lurdes Esteves
- 389 A criação dos expostos no Hospital Real**
| Milene Alves
- 395 A Confraria da Misericórdia de Lisboa e os sinais das crianças expostas da cidade**
| Francisco d' Orey Manoel / Nelson Moreira Antão

AS GENTES DO CUIDAR E DA CURA

- 403 Cargos, profissões e serviço**
| António Pacheco
- 411 *Por achar que era gente muito limpa a elegeo por ama: officios e limpeza de sangue***
| João de Figueiróa-Rêgo
- 415 A cirurgia portuguesa na génese da atividade cirúrgica do Hospital Real**
| Cristina Moisão
- 419 Cirurgiões, barbeiros e sangradores (séculos XVI-XVIII)**
| Florbela Veiga Frade / Joaquim Barradas / Adelino Cardoso
- 429 Os oficiais de cura letrados e praticantes**
| Luís Ribeiro Gonçalves
- 437 Enfermagem, enfermeiras e enfermeiros**
| António Pacheco

AS PRÁTICAS MÉDICO-CIRÚRGICAS

- 447 A prática médica e a alimentação nos textos portugueses da época moderna**
| Inês Ornellas e Castro
- 455 Hortas e hortos: alimentação e botica nos séculos XVI e XVII**
| Bruno Barreiros / Adelino Cardoso
- 463 O regime alimentar no Hospital Real no século XVIII**
| Bruno Barreiros
- 471 Manoel Constâncio e a reestruturação da anatomia e da cirurgia em Portugal**
| Luiz Damas Mora
- 477 A botica do Hospital Real**
| Paula Basso
- 487 Um inventário do século XVIII da botica do Hospital Real**
| Ana Cristina Leite
- 509 A morte no Hospital Real: testemunhos do século XVIII**
| Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso

HABITAR O HOSPITAL

- 519 Espaços e distinções sociais (1502-1620)**
| Isabel dos Guimarães Sá
- 529 Vestuário, género e doença no Regimento de 1504**
| Carla Alferes Pinto
- 537 Música no Hospital Real de Lisboa (séculos XVI-XVII): manifestação áulica, terapia ou devoção?**
| Isabel Monteiro
- 541 As merceiras do Hospital Real (séculos XV-XVIII)**
| Maria Teresa Avelino Pires
- 545 Cuidar dos feridos de guerra em Portugal no início da época moderna**
| Luís Costa e Sousa
- 551 Os estrangeiros: doentes e oficiais de saúde**
| Paulo Catarino Lopes
- 561 Os escravos no Hospital Real**
| Jorge Fonseca

EXISTÊNCIAS E PROVIMENTOS

- 569 Entre trastes velhos e produtos não-europeus: a cultura material do Hospital Real no século XVI**
| Isabel dos Guimarães Sá
- 577 Os têxteis da igreja do Hospital Real no século XVI: tipologias e dinâmicas de funcionamento**
| Maria João Ferreira
- 583 A louça de mesa no Hospital Real**
| André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 591 A cerâmica utilitária no Hospital Real**
| André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 601 Outros objetos dos quotidianos do Hospital Real**
| Carlos Boavida / Inês Coutinho

- 611 A cidade de Lisboa e a luta contra as epidemias**
| Edite Martins Alberto / Paula Serafim
- 623 Os regimentos das práticas e dos oficiais da Casa da Saúde (séculos XVI-XVIII)**
| Edite Martins Alberto / Paula Serafim
- 635 Combate às doenças que chegavam por mar (e pelo rio!): os regimentos de 1693**
| António Costa Canas
- 643 A Casa de São Lázaro e a assistência aos leprosos**
| Rita Luís Sampaio da Nóvoa



_OS OFICIAIS DE CURA LETRADOS E PRATICANTES

Luís Ribeiro Gonçalves
CIDHEUS - Centro Disciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora

A edificação do Hospital de Todos-os-Santos, à imagem de Florença e de Siena, permitiu alterar as relações entre *curadores* e *pacientes* em Portugal (Carvalho, 1949; Abreu, 2009). Uma das principais novidades foi a criação de um corpo de oficiais de cura residentes, que se dedicava diariamente a cuidar de todos os pobres doentes que acorriam de quaisquer partes do reino e dos seus domínios ultramarinos (Lopes, 1890).

Segundo o regimento de 1504, faziam parte deste corpo um físico, dois cirurgiões, um boticário, uma cristaleira e um barbeiro sangrador, a que acresciam muitos outros funcionários, que asseguravam a boa administração e o bom cuidado dos doentes na instituição. Cada um tinha um papel no cerimonial de visitação dos pacientes, que se realizava sob o olhar do provedor, do vedor e do enfermeiro-mor (Salgado *et* Salgado, 1992, f. 86v-87), de forma a reforçar a confiança dos pacientes nos métodos de cura quinhentistas.

Para compor este corpo de oficiais, a instituição seleccionava os curadores de acordo com a sua disponibilidade, a sua capacidade financeira, a reputação do agente, a adequação da sua prática às doenças e até as experiências de contratação anteriores, tanto suas como das instituições que administrava. Nesse sentido, qual era o perfil dos *curadores* do hospital olisiponense?

O físico doutor

Num hospital do Antigo Regime, a principal função do físico era identificar o tipo de doença do paciente, explicando-a à luz do conhecimento médico da época aos oficiais que administravam a instituição. Assente na teoria dos humores, cada enfermidade era vista como um desequilíbrio, que se curava através da restituição da sua harmonia. Acompanhando o provedor de Todos-os-Santos, o físico visitava os pacientes, identificando os tratamentos mais adequados, de forma a distribuir os pacientes pelas enfermarias e a excluir os casos incuráveis que eram tratados noutras instituições.

Para essa função, preferiam-se físicos com uma carreira letrada mais extensa, quase sempre mestres e doutores. Foi assim que se contrataram nos primeiros anos o Doutor Burgalês, que ali exerceu até 1509 (ANTT, Hospital de São José, Livro 1116, f. 12) e, já em 1561, o Doutor Alonso Rodriguez de Guevara, lente de anatomia em Coimbra, que chegou para ensinar no hospital (ANTT, Hospital de São José, Livro 940, f. 221). A contratação destes físicos doutores ocorreu sobretudo em períodos de maior pujança económica, como o da fundação e o da reforma do ensino da cirurgia. Quando a Misericórdia de Lisboa assumiu a gestão do hospital, a contratação dos antigos lentes de Coimbra, como João Lopes Neto (ANTT, Hospital de São José, Livro 940, f. 314v), e, mais tarde, Francisco Tomás, futuro cirurgião-mor do reino (Lemos *et* Coutinho, 1772, f. 311), torna-se ainda mais frequente.

Isso não impedia a procura de físicos com carreira fora da universidade. Foi assim que o hospital contratou o bacharel Gaspar Ribeiro, em 1546, depois de servir durante vários anos no séquito da rainha D. Catarina de Áustria. Mais tarde, em 1561, foi a vez do Doutor Francisco Geraldês, que exercera no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa (ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Lisboa, doc. 25, f. 61v). Mas, mesmo tendo uma carreira prática mais extensa do que os doutores, todos apresentavam formação universitária, o que lhes permitia cumprir plenamente as suas funções.

Cirurgião letrado

Os cirurgiões do hospital distinguiam-se entre os que residiam nas casas do hospital e os que permaneciam fora da instituição. Uns e outros deveriam atender todos os casos que exigissem técnicas de cirurgia, desde as sangrias mais complexas até aos braços partidos, passando por outros tipos de operações, que envolviam a intervenção no corpo do paciente. O seu conhecimento partia da prática obtida auxiliando outros cirurgiões, mas também da teoria contida na obra de *Guido*, um tratado do século XIV escrito pelo físico anatomista Guy de Chauliac (Lemos, 1909, p. 201).

O regimento de 1504 procurava já assegurar a transmissão desse conhecimento, através de um modelo de ensino assente na relação pessoal entre o “mestre” e o “aprendiz”, tal como noutros mesteres urbanos tardo medievais. Cabia, assim, ao cirurgião residente ensinar os seus aprendizes, treinando-os na prática e na teoria até terem idade para realizarem o seu exame junto do cirurgião-mor. O exame era um momento em que o aprendiz se tornava mestre, assumindo a maioridade e a independência para poder curar e, também, ensinar outros moços que pretendessem aprender a sua arte.

Contudo, a partir de meados do século XVI, o ensino da cirurgia modificou-se progressivamente, passando dessa tradição corporativa para um modelo mais escolástico. Primeiro com a criação da aula de *Guido* (ANTT, Hospital de São José, Livro 940, f. 211), depois com a chegada de Alonso Rodrigues de Guevara para anatomista e, por fim, com a publicação da obra *Recopilación de Cirurgia* pelo cirurgião António da Cruz (1601), o hospital tornou-se cada vez mais numa escola para cirurgiões e sangradores (Costa Santos, 1925).

Comum a todas estas mudanças estava a presença de cirurgiões letrados, como Ruy Dias de Ysla, que era mestre de boubas, autor do *Tratado contra o mal serpentino* (1539). Apesar da sua formação eminentemente prática, dominava a escrita, ainda que desconhecesse o latim.

Também o papel do *curador* prático sofria uma mutação. Por exemplo, o sangrador cirurgião associava a sua prática ao conhecimento das letras. A importância da escrita para o tratamento dos pacientes, para o ensino da arte e até para a inclusão dos tratamentos no conhecimento médico do período, deu cada vez mais valor a todos os que obtinham formação letrada, fosse na universidade, fosse nos colégios jesuítas, fundados em meados do século XVI em Lisboa e por todo o reino. Isso favorecia os cirurgiões do hospital através dos privilégios que a Casa Real lhes concedia pelos seus serviços, mas não lhes alterava a condição social.

Mestres de boubas, sangradores e cristaleiras

A par destes físicos e cirurgiões letrados, encontravam-se outros *curadores*, que exerciam a sua actividade na instituição. Destes, faziam parte os barbeiros sangradores, que faziam a barba a todos os doentes da instituição e sangravam aqueles que o físico lhes ordenasse. A cristaleira, auferindo os mesmos três mil réis anuais, aplicava clisteres, sanguessugas ou ventosas, sendo a mulher mais bem remunerada da instituição (Salgado *et Salgado*, 1992). Ainda assim, estes profissionais pouco são referidos nas fontes do hospital. Eram, contudo, bem conhecidos por toda a Lisboa quinhentista. A par de boticários e parteiras, eram provavelmente os *curadores* mais comuns no mercado médico local, sendo, por isso, objecto de atenção dos regimentos municipais (AML, *Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa reformados per ordenação do Illustrissimo Senado della pelo Licenciado Duarte Nunes de Liam*, 1572, f. 246v-249). À imagem do hospital, a câmara procurava estabelecer normativas para a atuação destes agentes, em articulação cada vez mais forte com os físicos. Contudo, a crescente vocação marítima da cidade importava novas doenças, estimulando ainda mais o contexto epidémico que caracterizou o século XVI português.

Uma dessas enfermidades a que as autoridades procuravam dar resposta imediata foi o *mal serpentino*, também conhecido como *mal das boubas* ou *mal francês*: a sífilis. De acordo com a narrativa de Ruy Dias de Ysla, tratava-se de uma doença oriunda das Índias americanas, trazida pelos marinheiros de Cristóvão Colombo, que rapidamente se difundiu pela Europa, de porto em porto, nas primeiras décadas do século XVI (Díaz de Isla, 1539). Apresentando períodos de crise profunda, seguidos de inactividade latente e uma rápida disseminação, foi uma doença difícil de integrar nos conhecimentos médicos da época. Abria, por isso, uma oportunidade para figuras como Ruy Dias de Ysla, um cirurgião, que através da sua experiência, conhecia tratamentos alternativos, alguns até provenientes do *Novo Mundo* (Arrizabalaga, 2013). Isso permitiu que surgissem muitos outros mestres de boubas, como Brás Tenreiro, que lhe sucedeu na administração da enfermaria deste mal (ANTI, Hospital de São José, Livro 940, f. 172).

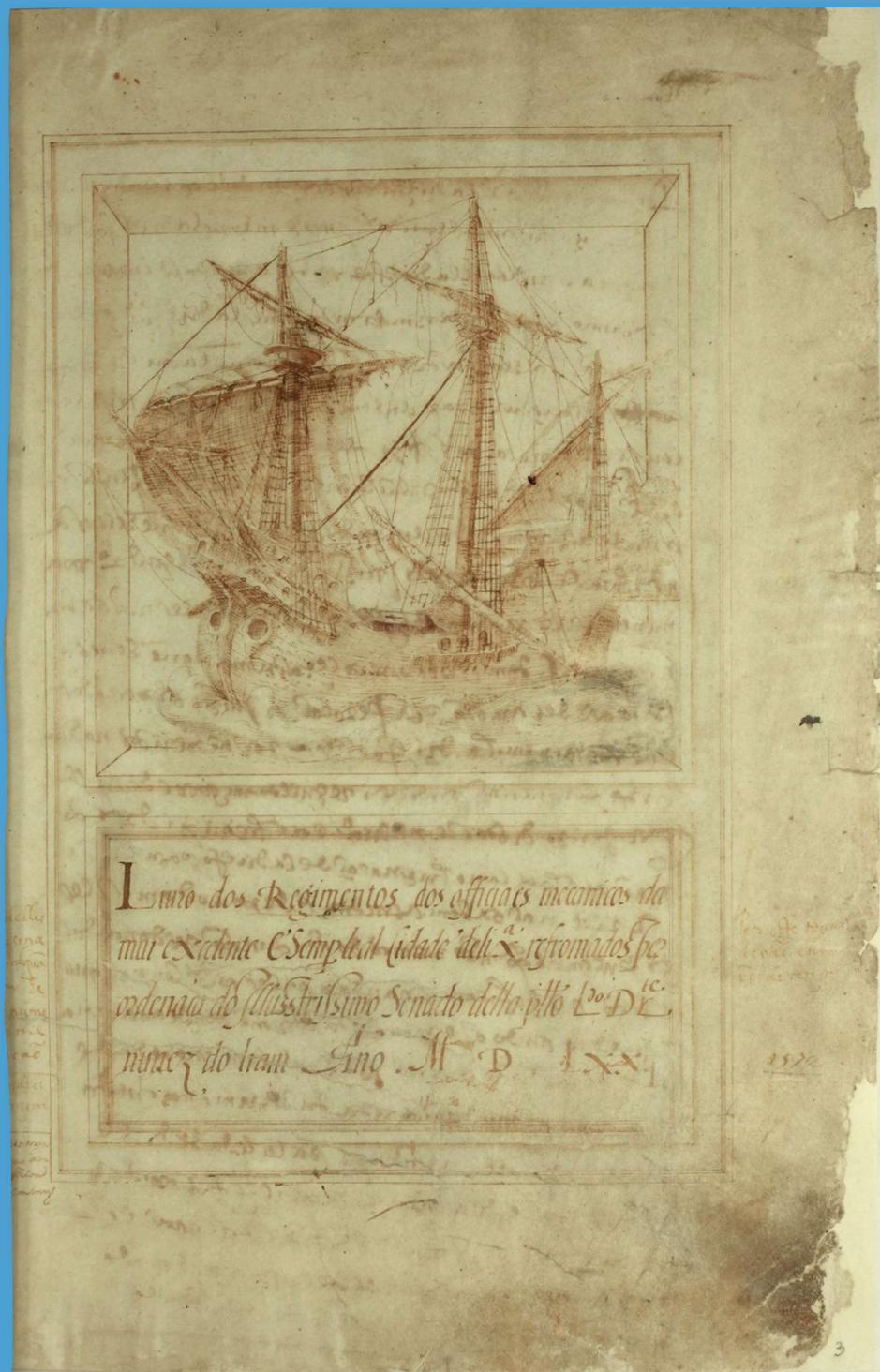
Conclusão

O Hospital de Todos-os-Santos tornou-se, então, um espaço de mediação entre os físicos e cirurgiões teóricos e os mestres de boubas, os sangradores e até as cristaleiras, que ali exerciam lado a lado, na cura dos doentes. Contudo esta nova realidade conduziu a numerosas tensões sociais e profissionais entre as duas dimensões, que os físicos doutores, a quem cabiam as decisões mais importantes, mas sobretudo que as conseguiam explicar dentro dos modelos reconhecidos pelas *gentes da governança* da instituição, estavam destinados a vencer. Ainda assim, as crises mais ou menos constantes relacionadas com a gestão administrativa e económica (Ramos, 2019) permitiram que surgissem numerosas oportunidades para agentes praticantes e letrados coabitarem, contribuindo para a formação e o ensino de numerosos agentes, que exerceram durante os séculos seguintes em Portugal.

Bibliografia

ABREU, Laurinda (2009) - O que nos ensinam os regimentos hospitalares? Um estudo comparativo entre os Hospitais das Misericórdias de Lisboa e do Porto (séculos XVI e XVII). In LEIRIA, José João, ed. - *A solidariedade nos séculos: a confraternidade e as obras*. Lisboa: Alêtheia | ARRIZABALAGA, Jon (2013) – Medical Theory and Surgical Practice: Coping with the French Disease in Early Renaissance Portugal and Spain. In ABREU, Laurinda; SHEARD, Sally, eds. - *Hospital Life: Theory and Practice from the Medieval to the Modern*. Bern: Peter Lang, pp. 93-117 | CARVALHO, Augusto da Silva (1949) – *Crónica do Hospital de Todos-os-Santos*. Lisboa: ed. Autor | COSTA SANTOS, Sebastião (1925) - *A Escola de Cirurgia do Hospital Real de Todos os*

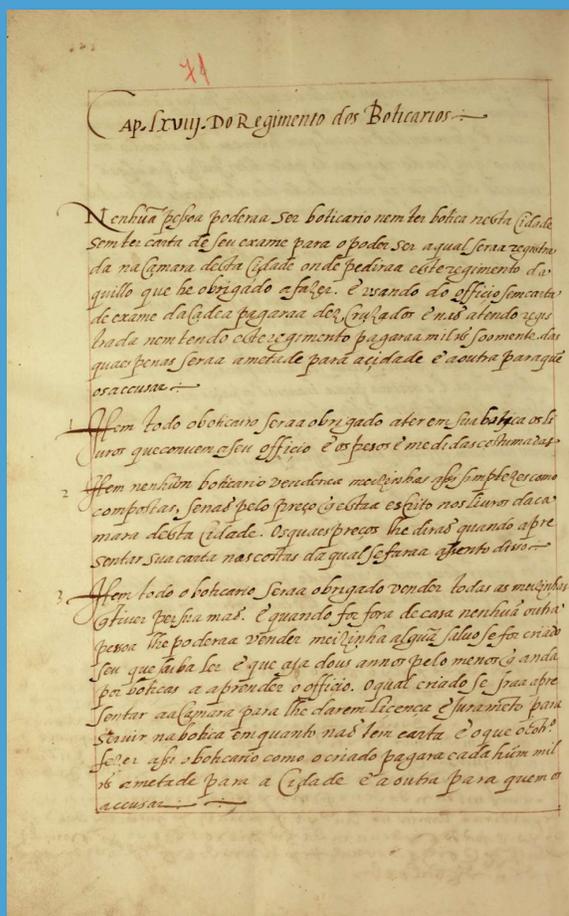
Santos 1565-1775. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa | CRUZ, António da (1601) - *Recopilação de Cirurgia*. In-4.º. Lisboa: Jorge Rodriguez Impressor de Livro | DÍAZ DE ISLA, Ruy (1539) - *Tractado co[n]tra el mal serpentino que vulgarmente en España es llamado bubas q[ue] fue ordenado en el ospital de Todos los Santos d[e] Lisboa*. Seuilla: en casa de Dominico de Robertis, [consultado em 6 de setembro de 2019]. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/obra/tractado-contra-el-mal-serpentino-que-vulgarmente-en-espana-es-llamado-bubas-que-fue-ordenado-en-el-ospital-de-todos-los-santos-de-lisbona/> | LEMOS, Francisco de; COUTINHO, João Pereira Ramos de Azeredo, eds. (1772) - *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra: no tempo da invasão dos denominados jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados*. Lisboa: na Regia officina typografica | LEMOS, Maximiano de (1909) - *História da medicina em Portugal: doutrinas e instituições*. 2.ª edição. 2 vols. Biblioteca da Ordem dos Médicos. Lisboa: Manuel Gomes editor | LOPES, Alfredo Luíz (1890) - *O Hospital de Todos os Santos hoje denominado de S. José: contribuições para a história das sciencias medicas em Portugal*. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional | RAMOS, Rute Isabel Guerreiro (2019) - *O Hospital de Todos os Santos: história, memória e património arquivístico (séculos XVI-XVIII)*. Évora: Univesidade de Évora. Tese de Doutoramento em História: Mudança e Continuidade num Mundo Global (Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/25690#>) | SALGADO, Abílio José; SALGADO, Anastásia Mestrinho, eds. (1992) - *Regimento do Hospital de Todos-os-Santos*. edição fac-simile. Lisboa: Comissão Organizadora do V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos.



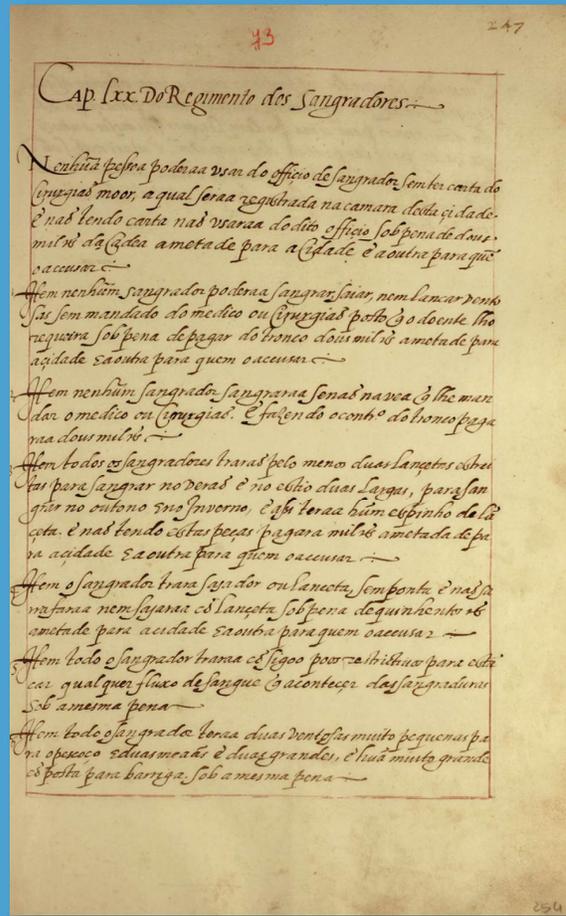
Frontispício

Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa reformados per ordenação do Illustrissimo Senado della pelo Licenciado Duarte Nunes de Liam, 1572

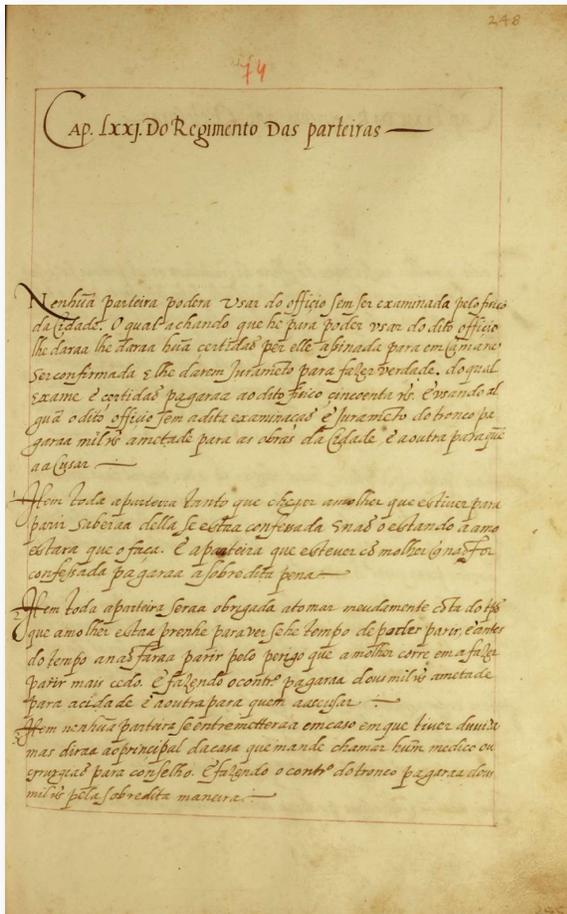
©Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa



Regimento do boticário
Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa reformados per ordenaço do Illustrissimo Senado della pelo Licenciado Duarte Nunes de Liam, f. 245v
©Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa



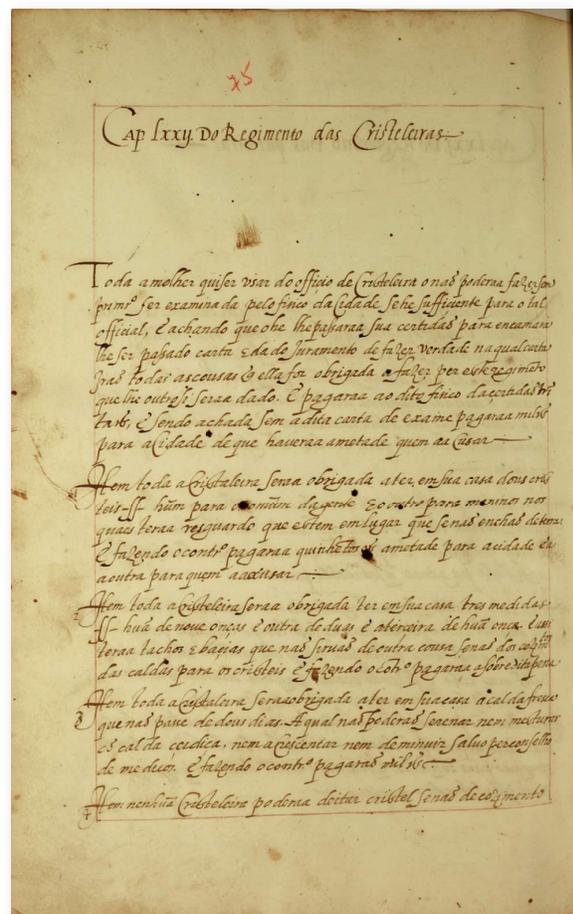
Regimento do sangrador
Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa reformados per ordenaço do Illustrissimo Senado della pelo Licenciado Duarte Nunes de Liam, f. 247
©Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa



Regimento da parteira

Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa reformados per ordenação do Illustrissimo Senado della pelo Licenciado Duarte Nunes de Lião, f. 248

©Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa



Regimento da cristaleira

Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa reformados per ordenação do Illustrissimo Senado della pelo Licenciado Duarte Nunes de Lião, f. 249

©Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa